
EDITORIAL

«Escrita e Oralidade: A Lógica Heterogênea e Intercultural do Processo Educativo»

Em Agosto do ano passado, foi proposta, por Maria José Metello de Seixas - que já tinha publicado um interessante artigo no número 3 da Revista *Educação, Sociedade & Culturas*, intitulado «A Reconstrução Identitária do Professor Português na Suíça: tensões entre o discurso institucional e as reacções interpessoais» -, a organização de um número temático da Revista sobre o tema «Escrita/Oralidade na escola». O objectivo do número seria fornecer pistas de reflexão sobre diferentes relações sociais e culturais, dos alunos e dos professores e de outros agentes educativos. A recolha de trabalhos sobre o tema, baseada numa transversalidade interdisciplinar - entre a antropologia, a linguística, a sociologia, a história e as ciências da educação - poderia contribuir para esclarecer e alargar os pontos de vista e as práticas dos leitores da Revista.

A proposta foi aceite com entusiasmo na reunião do Conselho de Redacção, tendo sido decidido que Raúl Iturra e eu próprio seríamos responsáveis pela recolha de artigos e dos «diálogos» sobre o tema, tema esse que entretanto sofreu uma ligeira alteração no sentido de alargar o seu âmbito. Eis o título deste número temático «Escrita e Oralidade: A Lógica Heterogênea e Intercultural do Processo Educativo».

Um olhar rápido para os títulos dos artigos e da secção «Diálogos sobre o Vivido» parece confirmar essa «lógica» que, de facto, é abordada não só através de diferentes «dispositivos» - a fotografia, a televisão, a aquisição da leitura, a empresa, o Estudo Nacional da Literacia, os pais - mas também, como aliás

estava previsto, através de uma transversalidade interdisciplinar que se revela, nas palavras de Franco Ferrarotti (sobre os efeitos da História da Vida), «explorativa».

O conhecimento produzido pelos artigos vai no sentido de nos ajudar a compreender, por um lado, como conciliar a ciência com a afetividade e, por outro, como enfrentar uma dicotomia – oralidade/escrita – que talvez seja muito mais um contínuo do que uma dicotomia. As implicações para o trabalho pedagógico deste conhecimento são vastas.

Durante o ano lectivo de 1995-96, visitou a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto o Professor Staf Callewaert, da Universidade de Copenhaga, para participar no Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação e Diversidade Cultural, tendo dinamizado um seminário sobre o conceito de cultura no campo da educação, fazendo apelo sobretudo à obra de Pierre Bourdieu.

Um dos artigos distribuídos entre os mestrandos por esse Professor foi o artigo que agora apresentamos na secção «Arquivo». Trata-se de um artigo escrito por Richard A. Shweder e publicado, no ano de 1984, na antologia *Culture Theory – Essays on Mind, Self and Emotion*, organizada por Richard A. Shweder e Robert A. Levine. Este trabalho intitula-se «A Rebelião Romântica da Antropologia contra o Iluminismo, ou de como há mais coisas no pensamento para além da razão e da evidência». Este artigo, que já se tornou um «clássico» na antropologia, acaba por, na defesa de uma perspectiva «romântica» face ao funcionamento da mente humana, desfazer a própria dicotomia que muito se tem desenvolvido entre uma perspectiva chamada *iluminista* (baseada mais no universalismo e no desenvolvimentismo) e uma outra que se tem designado *romântica* (baseada mais no relativismo). Citando o autor:

«É verdade que fiz muita taxonomização e procurei arrumar, algo que os românticos vulgarmente não gostam, e é verdade que defendi que aquilo que é racional, aquilo que é irracional e aquilo que é não-racional é universalmente disponível à mente humana, uma afirmação histórica que os românticos tipicamente abominam. Por outro lado, defendi uma perspectiva pluralista (vs monista) da mente e ao mesmo tempo adiantei uma fundamentação de princípio para as noções românticas segundo as quais as

realidades são da nossa própria laura, segundo a qual as práticas culturais não são necessariamente, ou até tipicamente, adaptações às exigências do ambiente externo, e segundo a qual aquilo que existe na cultura das coisas não é necessariamente um ditame da lei natural. Para minha grande surpresa vi-me no meio, entre dois brilhantes e respeitáveis críticos e antagonistas. Interrogo-me acerca da forma como fazer a ponte entre nós.»

No próximo número da Revista (nº 9) publicaremos o artigo, também sugerido pelo Professor Staf Callewaert, de Melford E. Spiro, da mesma colectânea, intitulado «Algumas Reflexões sobre o determinismo cultural e o relativismo com destaque para a emoção e a razão». Este artigo, que constitui uma espécie de «resposta» ao trabalho de Richard Shweder, baseia-se na concepção de cultura como um «sistema cognitivo». Vamos ver até que ponto a dicotomia, posta em causa por Shweder, é reconstruída neste trabalho de Spiro.

A secção «Recensões» inclui, neste número 8, a prometida resposta de Augusto Santos Silva às duas recensões, escritas por João Arriscado Nunes e por Telmo Caria, do seu livro *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, publicadas no número 7. Inclui também o ensaio-recensão de Tomas Tadeu da Silva, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, sobre o livro – com análise baseada na obra de Michel Foucault – de Ian Hunter, intitulado *Rethinking the School: subjectivity, bureaucracy, criticism*.

Steve Stoer